

Variação diacrônica do grau de transparência linguística do português brasileiro: o impacto do aumento percentual do uso de “a gente” em lugar de “nós”

Diachronic Variation of Linguistic Transparency in Brazilian Portuguese: The Role of the Percentage Increase in the Use of “a gente” (“we”) Instead of “nós” (“we”)

Alessandra Regina Guerra

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Araraquara | SP | BR

alessandrareginaguerra@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9665-0002>

Resumo: Este artigo aborda a variação diacrônica do grau de transparência linguística do português brasileiro (PB). O objetivo do trabalho é analisar como o grau de transparência do PB é afetado por uma mudança linguística em curso na língua, o aumento da frequência de uso da forma pronominal *a gente* em detrimento do emprego do pronome *nós*. O quadro teórico-metodológico adotado funda-se na Gramática Discursivo-Funcional, complementada por um conjunto de trabalhos que descrevem a mudança *nós/a gente*. São examinados dados do PB distribuídos do século XIX ao século XXI, extraídos de peças de teatro relativas a esse período. O artigo argumenta, em termos teóricos, que a transparência do PB é, de fato, influenciada pela mudança *nós/a gente* (em correlação com outros fatores) e demonstra, então, mediante análise quantitativa, o impacto específico dessa mudança, mostrando que ela atua na direção de diminuição do grau de transparência da língua.

Palavras-chave: transparência linguística; mudança linguística; argumento-sujeito; referência cruzada.

Abstract: This article addresses the diachronic variation in the degree of linguistic transparency of Brazilian Portuguese (BP). The purpose of the paper is to analyze how the transparency of BP is affected by an ongoing linguistic change, the increasing use of the pronoun “a gente” (“we”) instead of the pronoun “nós” (“we”). The theoretical framework is based on Functional Discourse



Grammar, which is complemented by a group of works that describe the change “*nós/a gente*”. The data examined are distributed from the 19th to the 21st century and they are selected from Brazilian theatre plays. The paper argues, on a theoretical basis, that the transparency of BP is in fact influenced by the change “*nós/a gente*” (in interaction with other factors). Then, it demonstrates the specific role of this change based on quantitative analysis, showing that the diachronic variation between “*nós/a gente*” contributes to decrease the transparency of BP.

Keywords: linguistic transparency; linguistic change; subject argument; cross-reference.

1 Introdução

Nos últimos anos, no campo da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) (Hengeveld; Mackenzie, 2008), vem sendo produzida uma série de pesquisas sobre a propriedade linguística chamada de *transparência*. Em linhas gerais, a noção de transparência linguística diz respeito à existência, em uma dada língua, de relações biunívocas entre unidades de forma e unidades de significado na estruturação linear dos enunciados, uma noção similar à modalidade de iconicidade normalmente conhecida como *isomorfismo*. Quanto mais uma língua apresenta correspondências biunívocas entre forma e significado, mais transparente a língua é; quanto menos exibe essas correspondências, menos transparente (ou mais opaca) ela é. Assim, cada língua pode ser caracterizada em termos de um grau de transparência, que consiste na medida, maior ou menor, em que a língua prevê tais correspondências forma-conteúdo.

Em um conjunto de trabalhos recentes (Guerra, 2017, 2021, 2022), temos investigado o comportamento *diacrônico* da propriedade da transparência linguística, observando-o particularmente na história do português brasileiro (PB). O propósito geral desses trabalhos tem sido analisar como o grau de transparência de uma língua varia diacronicamente (se esse grau aumenta, diminui, se caminha ora em uma, ora em outra direção) e como diferentes fatores linguísticos influenciam a evolução diacrônica da transparência. O presente artigo vincula-se a esse conjunto de trabalhos, assumindo o objetivo de analisar como o grau de transparência do PB é influenciado por uma mudança particular em curso na língua, a saber, o aumento percentual de uso da forma pronominal *a gente* em detrimento do emprego do pronome *nós*.

Como exemplos iniciais da influência da mudança *nós/a gente* sobre a transparência do PB, podem ser consideradas as sentenças em (1) e (2):

- (1) Nós cantávamos bem.
- (2) A gente cantavaØ bem.

Em (1), o pronome *nós* e a desinência *mos* expressam uma mesma unidade de significado—que, com base no quadro teórico-metodológico da GDF, trataremos como o argumento-sujeito de primeira pessoa do plural. Nesse caso, duas unidades estruturais correspondem a uma mesma unidade de significado, configurando uma construção em que não há biunivocidade entre forma e conteúdo, isto é, uma construção não transparente. Por outro lado, em (2), apenas a forma *a gente* corresponde àquela unidade semântica, já que a desinência número-pessoal não é materialmente expressa (sendo representada por morfema zero). Dessa vez, há biunivocidade forma-conteúdo, configurando uma construção transparente, o que indica a existência, aqui em pauta, de relação entre a alternância *nós/a gente* e a transparência do PB.

Acreditamos que, em linha com o propósito mais geral de nossos estudos acima mencionados, os resultados aqui oferecidos podem, de fato, cooperar para um melhor entendimento sobre o comportamento diacrônico da propriedade da transparência linguística, reflexão relevante para a teoria sobre transparência, bem como para a compreensão do funcionamento de diferentes línguas. As pesquisas já realizadas sobre transparência têm abordado diferentes aspectos do fenômeno, especialmente diferenças de grau de transparência entre dialetos e entre línguas (Grández Ávila, 2011; Hengeveld, 2011a, b; Hengeveld; Leufkens, 2018; Leufkens, 2013, 2015; Nordhoff, 2011; Seguin, 2018; entre outros). Todavia, a questão da *diacronia* da transparência ainda não tem sido igualmente focalizada, lacuna que endossa a discussão aqui proposta. Além disso, a motivação para este artigo encontra-se em nossa expectativa de que os resultados fornecidos possam também contribuir, em particular, para a descrição da história do PB, tanto no que se refere ao percurso diacrônico de seu grau de transparência, quanto no que tange à mudança *nós/a gente*, a qual integra um conjunto de alterações associadas a substancial transformação do quadro pronominal do PB e de seu respectivo paradigma de flexão verbal (Duarte, 1993, 1995; Tarallo, 1993).

O artigo encontra-se organizado do seguinte modo: na seção 2, explicamos o conceito de transparência aqui adotado e argumentamos, teoricamente, que a transparência do PB é, de fato, influenciada diacronicamente pela mudança *nós/a gente*, procurando, inclusive, delimitar qual parte do sistema gramatical da língua é afetada por tal mudança; na seção 3, sintetizamos alguns trabalhos que relatam a ocorrência da variação diacrônica *nós/a gente* no PB e expomos dados quantitativos diacrônicos acerca desse processo, levantados em pesquisa empírica por nós realizada; na seção 4, procedemos, então, a um cálculo quantitativo para mostrar, especificamente, o impacto da mudança em estudo no grau de transparência do PB; na seção 5, apresentamos as considerações finais.

2 Fundamentação e discussão teórica

A GDF, abordagem em que é postulada a noção de transparência aqui adotada, é uma teoria funcionalista da estrutura gramatical das línguas. O modelo abrange quatro níveis de análise linguística: o nível interpessoal (NI), o nível representacional (NR), o nível morfossintático (NM) e o nível fonológico (NF). Os dois primeiros são dedicados à descrição dos significados dos enunciados, e os outros dois níveis descrevem seus aspectos formais.

O NI comporta a descrição de aspectos pragmáticos da significação dos enunciados, incluindo unidades como *atos discursivos* (as menores unidades linguísticas de comportamento comunicativo), *ilocuções* (intenções comunicativas convencionalizadas, como a ilocução declarativa, a interrogativa, a imperativa etc.) *subatos de atribuição* (que fazem a evocação de propriedades) e *subatos de referência* (que evocam referentes). O NR descreve aspectos semânticos dos enunciados, contendo unidades como *conteúdos proposicionais*, *estados de coisas* e *indivíduos*; ainda o NR descreve os enunciados em termos de esquemas de predicação, com predicados e argumentos, sendo também responsável pela marcação de funções semânticas, como agente e paciente. O NM trata da estrutura morfossintática dos enunciados, com unidades como *orações*, *sintagmas*, *palavras*, *radicais* e *afixos*. No NF, é feita a representação da estrutura fonológica dos enunciados, mediante unidades como *sintagmas entoacionais*, *palavras fonológicas*, *pés* e *sílabas*.

A título de exemplificação do modelo, observe-se a sentença em (3), atentando-se para o NI, o NR e o NM, mais relevantes no presente artigo:

(3) Eu comprei um livro.

Na GDF, a análise desse exemplo passa por descrever, no NI, que a sentença, dentre outros aspectos, é formada por um ato discursivo declarativo, composto por um subato atributivo (para indicar que a sentença inclui a evocação de uma propriedade, que será, no caso, a ação de comprar), dois subatos de referência que evocam o próprio falante (um a ser realizado pelo pronome *eu* e outro, pela desinência *i*), e um novo subato de referência que evoca um referente não identificável pelo ouvinte. O NR registra, por exemplo, o esquema de predicação, que, em (3), inclui um predicado (preenchido, então, pelo item lexical *comprar*, que descreve semanticamente a evocação de propriedade feita no subato atributivo do NI), seu primeiro argumento (que funciona como agente e corresponde ao falante) e seu segundo argumento (que funciona como paciente e é preenchido pelo lexema *livro*, que propicia a descrição semântica da evocação de referente não identificável feita no NI). O NM registra, por exemplo, que a sentença é composta por uma oração, constituída por um primeiro sintagma nominal (com a função sintática de sujeito), um sintagma verbal e um segundo sintagma nominal (que atuará como objeto), nessa ordem, identificando ainda a estrutura morfológica das palavras;¹ no NM, entre outros procedimentos, é inserido o artigo *um* (que expressa o significado de referente *não identificável*, indicado no NI) e é estabelecida a ordenação sequencial dos itens *um* e *livro*.

Essa breve ilustração do modelo permite também destacar a categoria do *argumento-sujeito* (crucial para este trabalho), que será o argumento (do esquema de predicação do NR) que, na implementação de uma oração, é selecionado para a função de sujeito (marcada no NM) – no exemplo em (3), que se encontra na voz ativa, será o argumento 1. O argumento-sujeito, no caso do PB, em orações finitas, é expresso (no que tange a informações de número

¹ Na GDF, um sintagma verbal é um sintagma com uma palavra verbal como seu núcleo, e não a combinação de verbo e objeto, conforme é mais comumente concebido (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008).

e pessoa) por desinência verbal (explícita ou representada por morfema zero); além disso, pode ser expresso (ou não) por sintagma nominal na posição de sujeito da oração.²

Na GDF, o grau de transparência de uma língua é aferido examinando-se em que medida a língua possui fenômenos que violam a relação de um-para-um entre os quatro níveis de descrição gramatical (mais precisamente, a relação de um-para-um-para-um-para-um entre esses quatro níveis). São reconhecidos dois tipos de fenômenos linguísticos que violam a transparência. O primeiro inclui fenômenos cuja descrição implica mapeamento nos quatro níveis, porém esse mapeamento não é transparente, envolvendo, por exemplo, uma unidade num nível e duas unidades em cada um dos outros. Um fenômeno do tipo, segundo Hengeveld e Leufkens (2018), é a *referência cruzada* (RC), pela qual uma sentença faz referência a uma mesma entidade duas (ou mais) vezes, mediante elementos lexicais e gramaticais. Trata-se de recurso que acarreta uma correspondência entre uma unidade no NR e duas unidades no NI (assim como duas respectivas unidades no NM e duas no NF). Para os autores, a noção de RC só é aplicável quando cada um dos diferentes mecanismos linguísticos fazendo referência à mesma entidade é capaz de fazer referência por si mesmo, de forma independente dos outros mecanismos. O exemplo em (4) é um caso de RC, no português europeu, segundo Leufkens (2013, p. 340):

- (4) *Eu chegue-i.*
1SG arrive-1SG

Para a autora, a sentença em (4) faz referência a uma mesma entidade duas vezes: gramaticalmente, pela desinência *i*, e lexicalmente, pelo pronome *eu*. A autonomia referencial da desinência é comprovada, segundo a autora, porque o uso do verbo, com essa desinência, é gramatical mesmo sem o pronome, ou seja, o verbo sozinho é capaz de constituir um enunciado completo. Verifica-se uma correspondência não transparente entre os níveis da GDF, no caso, entre um argumento, no NR, e duas unidades em cada um dos demais níveis, sendo dois subatos de referência no NI e suas respectivas expressões formais no NM e no NF.

O segundo tipo de fenômeno violador de transparência reúne procedimentos puramente formais, que, assim, pressupõem descrição apenas no NM e no NF, não sendo analisados nos outros dois níveis. É o caso da *concordância verbal*, que se verifica, nos termos da GDF, no caso em que uma propriedade de uma unidade é copiada para outra unidade dentro da oração. O exemplo em (5), do francês, retirado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 350), ilustra o processo de concordância verbal:

- (5) *Nous chant-ons.*
We sing-1.pl
“We sing” (nós cantamos).

² A variação entre expressão e não expressão do argumento-sujeito por sintagma nominal corresponde ao que, no Modelo de Princípios e Parâmetros da perspectiva gerativista (Raposo, 1992), é tratado pelo parâmetro do sujeito nulo. Já o sistema de dupla expressão do argumento-sujeito (realizada por desinência verbal e sintagma nominal) corresponde ao que, comumente, é conhecido como *concordância verbal*; na GDF, porém, conforme explicado adiante, o sistema de expressão dupla será tratado como *referência cruzada*, sendo a noção de *concordância verbal* reservada para outro tipo de caso.

Como explicam os autores, a sentença em (5) exibe um pronome de primeira pessoa do plural (*nous*) e uma flexão verbal também de primeira pessoa do plural (*ons*). Nesse caso, diferentemente do que ocorre em (4), a flexão não é capaz de fazer referência por si própria (o que se nota pela agramaticalidade do exemplo em (5), caso o pronome seja omitido), sendo apenas uma cópia da informação contida no pronome. Ou seja, a flexão não é uma codificação morfosintática de significados interpessoais ou semânticos, decorrendo, na verdade, de uma operação que tem origem no próprio NM. Trata-se, assim, de um fenômeno não transparente, ao envolver descrição no NM e no NF, mas não nos outros dois.

Hengeveld e Leufkens (2018) explicam que diversos fenômenos podem ser adotados para se calcular a transparência de uma língua, entre os quais selecionam os seguintes: (i) aposição, (ii) referência cruzada, (iii) relações gramaticais, (iv) alternância de raiz morfo(fono)logicamente condicionada, (v) descontinuidade de constituintes, (vi) ausência de paralelismo entre as estruturas morfosintática e fonológica, (vii) expletivos, (viii) gênero gramatical, (ix) concordância sintagmática, (x) concordância verbal, (xi) adaptações fonológicas. Os seis primeiros representam o primeiro tipo de fatores de violação de transparência, e os demais integram o segundo tipo. Quanto menor o número de fenômenos que uma língua apresenta, entre os listados, mais transparente a língua é. Quanto mais a língua apresentar fenômenos entre esses, menos transparente ela é.

Neste artigo, assumimos que o PB apresenta o fenômeno da RC – similarmente ao que, segundo Leufkens (2013), ocorre no português europeu – e procuramos demonstrar de que forma a transparência da gramática do PB, mais precisamente a transparência de uma parte da gramática que está relacionada à RC, é afetada diacronicamente pela mudança *nós/a gente*.

Note-se que a GDF, tendo em vista interesses mais gerais de investigação tipológica, ao definir a RC como um dos parâmetros para determinação do grau de transparência de uma língua, leva em conta a existência ou não do fenômeno na língua. Sua existência é tida como fator de opacidade e sua inexistência, como fator de transparência. Todavia, quando se focaliza a investigação de uma língua particular, pensamos que um tipo de análise que é viável (e que propicia, inclusive, uma descrição linguística mais detalhada e completa) consiste em estender o exame da transparência para além da verificação de (in)existência de RC na língua e avaliar a transparência no contexto de um domínio gramatical mais amplo, do qual a RC é parte.

Entendemos que, no PB, a RC constitui *uma* possibilidade, na construção de orações finitas, de se expressar o argumento-sujeito, possibilidade que integra um sistema maior de opções, incluindo alternativas transparentes e não transparentes (opacas). Esse sistema pode ser tratado como *o sistema de expressão do argumento-sujeito*. Ele decorre diretamente do fato de o argumento-sujeito (conforme mencionado) ser expresso mediante desinência verbal, podendo a desinência ser explícita ou representada por morfema zero, e do fato de esse argumento também poder, ou não, ser expresso mediante sintagma nominal (SN). Em outras palavras, esse sistema é o conjunto de possibilidades, disponibilizadas pela gramática do PB, de combinação entre expressão/não expressão do argumento-sujeito por desinência verbal número-pessoal explícita e expressão/não expressão do argumento-sujeito por SN.

Assim, esse sistema compreende quatro tipos de expressão do argumento-sujeito, em termos de transparência ou opacidade: (i) expressão por RC, que ocorre quando o argumento-sujeito é expresso tanto por desinência explícita quanto por SN (como na oração *nós cantávamos bem*), o que configura uma construção opaca, já que um único argumento do NR corresponderá a dois subatos referenciais no NI e a duas unidades no NM, o pronome e a

desinência verbal, bem como a duas respectivas unidades no NF; (ii) um tipo de expressão que pode ser denominado de *referência simples* (RS), verificado quando o argumento-sujeito é expresso apenas por desinência verbal número-pessoal explícita (*Ø cantávamos bem*), o que constitui uma construção transparente, pois nela o argumento-sujeito é expresso uma única vez; (iii) um segundo tipo de RS, também transparente, instaurado quando o argumento-sujeito é expresso apenas por SN, com desinência verbal representada por morfema zero (*a gente cantavaØ bem*); (iv) um tipo de expressão que chamamos de *referência zero* (RZ), o qual se manifesta quando a oração não expressa o argumento-sujeito nem por desinência explícita (morfema zero) nem por SN (como em *Ø cantavaØ bem*, no sentido de *a gente cantava bem*), tipo opaco de construção, já que se caracteriza por uma correspondência entre um argumento no NR e nenhuma unidade nos demais níveis.³

É sobre a transparência desse sistema que terá reflexo a mudança *nós/a gente*. Mais precisamente, essa mudança incide sobre um domínio particular desse sistema. Primeiramente, deve-se notar que a mudança *nós/a gente* atuará sobre o domínio circunscrito à expressão do argumento-sujeito de *primeira pessoa do plural*. Ademais, observe-se que a expressão do argumento-sujeito por SN (seja na primeira pessoa do plural, seja nas demais pessoas) inclui expressão mediante construção nominal (como em *meus velhos amigos e eu cantávamos bem*) e mediante pronome (*nós cantávamos bem.*). A mudança *nós/a gente* afetará, naturalmente, apenas a parte do sistema que envolve a expressão pronominal. A forma *a gente* (como veremos adiante) entra no quadro pronominal do PB como variante do pronome *nós*, competindo com *nós* na codificação do significado de primeira pessoa do plural em si, não como forma alternativa a significações lexicais de expressões nominais (como a significação de *meus velhos amigos*). Desse modo, a mudança *nós/a gente* estará relacionada com a parte do sistema de expressão do argumento-sujeito que envolve a expressão *pronominal* (não a expressão *nominal*), combinada, então, com a expressão *desinencial* do argumento-sujeito. Enfim, pode-se dizer que a mudança *nós/a gente* incidirá precisamente sobre o *sistema de expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de primeira pessoa do plural*. No restante do artigo, é desse sistema que estamos tratando, entendendo-o como uma parte (um subsistema) da gramática do PB. Seguiremos nos referindo a esse sistema, de forma mais sintética, como *sistema EAS-1PP* (como abreviação de *sistema de expressão do argumento-sujeito de primeira pessoa do plural*).

Especificamente, o sistema EAS-1PP é composto pelo conjunto de todas as possíveis combinações entre: expressão/não expressão dos pronomes *nós/a gente* e a forma verbal correspondente a cada um desses pronomes em cada um dos nove tempos verbais do PB (os seis do indicativo e os três do subjuntivo), tendo em vista que, entre essas formas verbais, umas têm desinência número-pessoal explícita, e outras não. O Quadro 1 apresenta esse sistema:

³ Não incluímos, em nosso estudo, a análise do fenômeno da simplificação da morfologia verbal flexional que leva a construções como *nós canta*. Também não incluímos na pesquisa o uso da forma pronominal *a gente* combinada com a desinência verbal de primeira pessoa do plural (*a gente cantamos*). Essas exclusões foram estabelecidas porque, após análise prévia, constatamos que esses fenômenos se verificam em nosso corpus muito raramente (não oferecendo quantidades de dados minimamente suficientes para análise) e apenas em casos muito particulares.

Quadro 1 – Sistema de expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª pessoa do plural⁴

Pro-nome	Expres-são pronominal	Ind. pres.		Ind. pret. imp.		Ind. pret. perf.		Ind. pret. m.q.perf.		Ind. fut. pres.		Ind. fut. pret.		Subj. pres.		Subj. pret. imp.		Subj. fut.		Totais
		DE	TR	DE	TR	DE	TR	DE	TR	DE	TR	DE	TR	DE	TR	DE	TR	DE	TR	
nós	+	+	RC	+	RC	+	RC	+	RC	+	RC	+	RC	+	RC	+	RC	+	RC	9
		nós cantamos	nós cantávamos	nós cantamos	nós cantáramos	nós cantaremos	nós cantaríamos	nós cantemos	nós cantássemos	nós cantarmos										
	-	+	RS	+	RS	+	RS	+	RS	+	RS	+	RS	+	RS	+	RS	+	RS	9
		∅ cantamos	∅ cantávamos	∅ cantamos	∅ cantáramos	∅ cantare-mos	∅ cantaríamos	∅ cantemos	∅ cantássemos	∅ cantarmos										
a gente	+	-	RS	-	RS	+	RC	-	RS	-	RS	-	RS	-	RS	-	RS	-	RS	9
		a gente canta∅	a gente cantava∅	a gente cantou	a gente cantara∅	a gente cantará∅	a gente cantaria∅	a gente cante∅	a gente cantasse∅	a gente cantar∅										
	-	-	RZ	-	RZ	+	RS	-	RZ	-	RZ	-	RZ	-	RZ	-	RZ	-	RZ	9
		∅ canta∅	∅ cantava∅	∅ cantou	∅ cantara∅	∅ cantará∅	∅ cantaria∅	∅ cante∅	∅ cantasse∅	∅ cantar∅										
Totais		4		4		4		4		4		4		4		4		4		36

Fonte: Elaboração própria.

Conforme mostra o quadro, esse sistema é composto por 36 possibilidades de expressão do argumento-sujeito: cada um dos dois pronomes de 1PP expresso, combinado com cada um dos nove tempos verbais, o que resulta em 18 combinações ($2 \times 9 = 18$), somadas às respectivas versões sem expressão pronominal de cada uma dessas 18 combinações, resultando nas 36 combinações possíveis ($18 + 18 = 36$).

Também de acordo com o quadro, as formas verbais relativas ao pronome *nós*, em *todos* os tempos, *contêm* desinência verbal número-pessoal explícita. Já em relação à forma *a gente*, a situação é (quase) completamente inversa: nesse caso, as respectivas formas verbais, em *quase todos* os tempos, *não contêm* desinência número-pessoal explícita (sendo essa flexão representada por morfema zero), com exceção apenas do pretérito perfeito do indicativo.

Essa diferença é crucial para fazer com que a mudança *nós/a gente* acarrete alteração na transparência do sistema EAS-1PP. De acordo com esse sistema, o uso de *nós* (em vez de *a gente*) combinado com a opção por expressão pronominal (em vez de não expressão) implica sempre expressão *opaca* do argumento-sujeito, já que as formas verbais relativas a esse pronome, em todos os tempos, contêm desinência número pessoal explícita – a expressão do pronome somada à existência de desinência explícita resulta sempre em construção opaca, mediante RC (*nós cantávamos*). Inversamente, no caso do emprego de *a gente* associado à opção por expressão pronominal, o sistema passa a favorecer amplamente a expressão *transparente* do argumento-sujeito, já que as respectivas formas verbais, em quase todos os tempos, não têm desinência explícita – a expressão pronominal somada à ausência de desinência explícita resulta em construção transparente, mediante RS (*a gente cantava∅*). Dessa

⁴ No Quadro 1, “DE” significa desinência verbal número-pessoal explícita e “TR”, o tipo de referência realizada pela expressão do argumento-sujeito (RC, RS ou RZ). Os sinais “+” e “-”, na coluna de cada tempo verbal, indicam presença e ausência de desinência número-pessoal explícita nas formas dos verbos regulares do PB padrão, no cruzamento entre o tempo considerado e os pronomes de 1ª pessoa, de acordo com Câmara Júnior (1989) e Bechara (2009). Nesse sentido, o sistema, aqui considerado, de expressão do argumento-sujeito refere-se à porção da gramática do PB que envolve o domínio regular de conjugação verbal da língua, em sua variedade padrão.

forma, pode-se concluir que, no âmbito da expressão pronominal do argumento-sujeito (em oposição ao domínio da não expressão pronominal), o sistema EAS-1PP, a partir de um gradativo aumento diacrônico nos índices de uso de *a gente* em detrimento de *nós*, terá seu grau de transparência aumentado, isto é, o sistema passa a favorecer o emprego de construções transparentes em lugar de opacas.

Por outro lado, no domínio da não-expressão pronominal do argumento-sujeito, o sistema opera de forma oposta. A não expressão do pronome *nós* ocasiona construções *transparentes* em todos os tempos verbais, por meio de RS (\emptyset *cantávamos*), enquanto a não expressão de *a gente* propicia, em quase todos os tempos (com exceção do pretérito perfeito do indicativo), construções *opacas*, mediante RZ (\emptyset *cantava* \emptyset , no sentido de *a gente cantava*). Ou seja, conclui-se que, no domínio da não expressão pronominal, o sistema torna-se mais opaco, em razão da mudança *nós/a gente*.

Como indicam essas constatações, o aumento diacrônico do emprego da forma *a gente* em lugar de *nós* acarretará, de fato, alteração na transparência do sistema em questão.⁵ Como demonstraremos na seção 4 adiante, o impacto dessa alteração dependerá da proporção em que o pronome *nós* vai dando lugar ao pronome *a gente*, o que iremos calcular em termos dos percentuais de uso dessas duas formas ao longo do tempo.

Tais constatações evidenciam ainda que a variação de transparência do sistema irá depender também de outra mudança em curso no PB. Observe-se que o efeito da mudança *nós/a gente* sobre a transparência do sistema EAS-1PP depende do cruzamento dessa mudança com a opcionalidade entre expressão e não expressão pronominal do argumento-sujeito: ocorre aumento de transparência, no que tange à associação entre crescimento no índice de *a gente* (em detrimento de *nós*) e expressão pronominal do argumento-sujeito; por outro lado, ocorre diminuição de transparência, na esfera da combinação entre crescimento do índice de *a gente* e não expressão pronominal. Dessa forma, o aumento e a diminuição de transparência dependem também das taxas de expressão e não expressão pronominal e, por isso, serão afetados pela mudança, amplamente atestada no PB, segundo a qual se verifica aumento diacrônico nos índices de expressão pronominal em detrimento da não-expressão (mudança tratada, na gramática gerativa, em termos do percurso do PB na direção de língua de sujeito nulo para língua de sujeito não nulo (ou de sujeito parcialmente nulo).

Em Guerra (2021), focalizamos justamente o impacto particular que a mudança entre expressão e não expressão pronominal acarreta sobre a diacronia da transparência do PB. Já no presente artigo, optamos por não contemplar os efeitos da alteração diacrônica das taxas de expressão/não expressão pronominal, com o objetivo de focalizar, especificamente, o impacto da mudança *nós/a gente* sobre a transparência do PB. Na seção 4, então, procedemos a esse cálculo, sintetizando, antes disso, na seção 3, alguns trabalhos que tratam da mudança *nós/a gente*, bem como dados quantitativos que levantamos a esse respeito.

⁵ Considerando que a mudança *nós/a gente* afeta a transparência do PB e considerando (como mostrado na seção seguinte) que essa mudança tem a ver com o processo de gramaticalização da forma *a gente*, pode-se ver que, em uma língua, processos de mudança linguística, como a gramaticalização, além de promoverem outras alterações na língua, podem ter influência sobre seu grau de transparência.

3 O aumento diacrônico do índice de uso do pronome a gente em lugar de nós

A alternância entre o uso das formas *nós* e *a gente* para expressão de 1PP é um fenômeno que pode ser tomado como característico do PB. Conforme afirma Castilho (2010), o quadro de pronomes pessoais do PB, na atualidade, inclui as duas formas para expressão de 1PP (embora diversos manuais e materiais didáticos ainda não reconheçam essa realidade). De fato, vários estudos, concentrados principalmente nas áreas de Teoria da Gramaticalização, Variação e Mudança Linguística e Sociolinguística Histórica, discutem diferentes aspectos envolvendo a variação entre as duas formas e a inserção de *a gente* no quadro pronominal do PB.

Omena e Braga (1996) explicam que o substantivo latino *gens, gentis* dá origem, na língua portuguesa, ao termo *gente*, que nomeia, de modo coletivo, indeterminador, mais ou menos geral, um conjunto de seres humanos, identificados entre si por objetivos, ideias, qualidades, nacionalidade ou posição. De acordo com as autoras, no decorrer da história do PB, a palavra *gente*, acompanhada do artigo *a*, passa a incorporar a referência à primeira pessoa do discurso, especialmente à primeira do plural, tornando-se uma forma alternativa ao pronome *nós*.⁶

Mais especificamente, as autoras defendem que a entrada da forma *a gente* no quadro pronominal e sua concorrência com o pronome *nós* decorrem de um processo de gramaticalização daquela forma.⁷ Em termos gerais, pode-se dizer que o processo de gramaticalização constitui um tipo de mudança linguística em que um item lexical torna-se gramatical ou um item já gramatical torna-se ainda mais gramatical. Omena e Braga (1996) procuram evidenciar a ocorrência da gramaticalização de *a gente* pela aplicação dos critérios de gramaticalização propostos por Hopper (1991): *estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização*.

Segundo as autoras, a estratificação significa que, numa língua, num dado domínio funcional (como o da expressão de 1PP), podem coexistir recursos de expressão linguística variantes, isto é, camadas (do inglês *layering*) alternantes, o que pode acontecer porque a emergência de novas camadas não implica a eliminação das já existentes. Como esclarecem as autoras, essas camadas podem corresponder a itens lexicais ou tipos de construção, exercem funções similares ou idênticas e podem ter significados ligeiramente diferentes ou ser reconhecidas como alternativas estilísticas. Para as autoras, o comportamento do item *a gente* é um legítimo caso de *layering*, uma vez que o item origina a forma *a gente*, que, no domínio da expressão de 1PP, passa a competir com a forma *nós*, ambas exercendo funções similares.

A divergência, como sintetizam Omena e Braga (1996), é a preservação da forma lexical que origina um processo de gramaticalização, a qual pode permanecer como item lexical autônomo e sofrer, ou não, as mudanças que atingem a classe a que pertence. Observam as autoras que o item *gente* permanece no PB como item lexical autônomo, sem sofrer mudanças. A forma inovadora é a que passa por alterações. Ela cristaliza a relação determinante-determinado, fixando-se com o artigo definido, sem admitir outras especificações, e passa a ter mobilidade mais restrita, identificando-se com os pronomes.

⁶ Omena e Braga (1996) afirmam que o significado da expressão *a gente* incorpora também referência à 1ª pessoa do singular, sendo alternativa ao pronome *eu*, o que, porém, salientam, já constitui um uso menos frequente e bastante impreciso.

⁷ Lopes (1999, 2004) também considera que a forma *a gente* teria passado por um processo de gramaticalização e afirma que o processo teria se implementado principalmente durante os séculos XVIII e XIX.

Quanto ao critério da especialização, que remete ao estreitamento de escolhas sofridas pelas construções alternantes (a forma em gramaticalização e seu(s) concorrente(s)), Omena e Braga (1996) constatam que a forma *a gente*, com o andar de sua gramaticalização, predomina sobre o pronome *nós*. Avaliando a distribuição dessas formas pelas funções sintáticas, as autoras detectam que a forma *a gente* é majoritária nas funções de sujeito, complemento e adjunto adverbial, prevalecendo o pronome *nós* na função de adjunto adnominal.

Ainda de acordo com Omena e Braga (1996), o critério da persistência refere-se à manutenção de traços semânticos da forma fonte na forma que sofre gramaticalização, quando esta não se encontra em estágios muito avançados de gramaticalização, traços esses que explicam, muitas vezes, certas restrições que a forma gramaticalizada experimenta em sua distribuição. Segundo as autoras, o traço de coletividade do termo *gente* contribui para uma referência indeterminadora verificada em certas ocorrências da forma pronominal *a gente*, o que gera determinadas restrições em seu uso: enquanto o pronome *nós* pode ser modificado por quantificadores, numerais, especificadores, esse mesmo tipo de procedimento não é possível com a forma *a gente* – por exemplo, *todos, cada um de, nenhum de* podem modificar *nós*, mas não *a gente*.

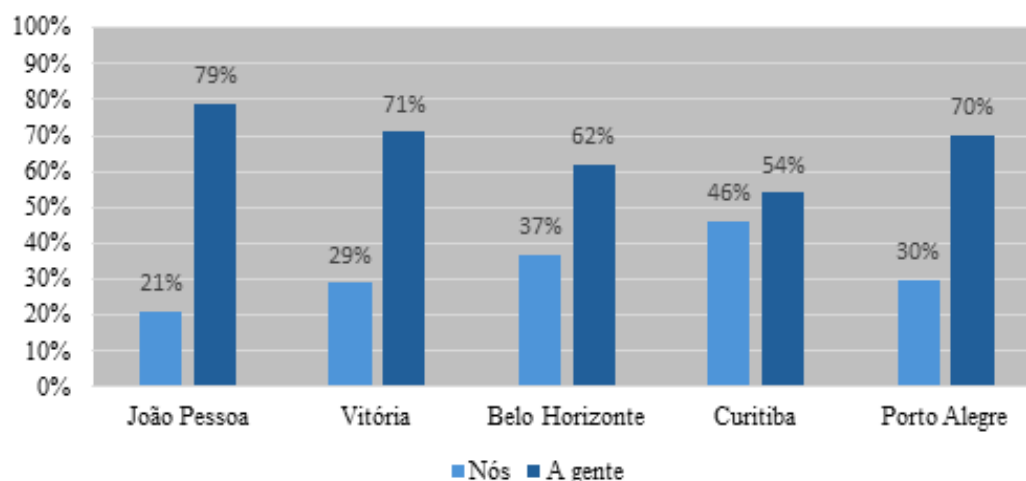
Já o critério da descategorização determina que os itens em gramaticalização normalmente perdem ou neutralizam marcadores morfológicos e traços sintáticos de categorias plenas e assumem aspectos de categorias secundárias. Como apontam as autoras, o termo *gente* conserva a mobilidade de colocação dos substantivos, admite flexão de número, derivação de grau, pode ser modificada por quantificadores, determinantes, possessivos etc., enquanto a forma pronominal *a gente* não é compatível com esses procedimentos; além disso, embora mantenha com o verbo a mesma relação que o substantivo *gente*, concordando com formas verbais de terceira pessoa do singular, a forma *a gente* exhibe a variação *a gente vamos*, que revela maior vínculo com o quadro pronominal, por concordar com a primeira pessoa do plural.

Enfim, com base nos critérios de Hopper (1991), Omena e Braga (1996) demonstram que a forma *a gente* gramaticaliza-se, processo responsável pela introdução de *a gente* no quadro pronominal do PB e por sua concorrência com o pronome *nós*. Nesse contexto, passa a se instaurar no PB a mudança diacrônica abordada neste artigo referente ao aumento da frequência de uso de *a gente* em detrimento do emprego de *nós*.

Vários estudos de ordem sincrônica, realizados com dados relativos ao final do século XX e/ou início do século XXI, fornecem resultados que evidenciam a mudança *nós/a gente*. Rubio e Gonçalves (2010) analisam dados do Banco de Dados Iboruna (Gonçalves, 2007), que reúne amostras de língua falada de diferentes gêneros textuais, recolhidas de informantes da região noroeste do estado de São Paulo, entre os anos de 2004 e 2006. Examinando o uso de *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito, apuram o emprego dessas formas nos percentuais de 25,4% e 74,6%, respectivamente. Seara (2000), averiguando entrevistas de informantes da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, coletadas junto ao Projeto VARSUL (Projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil) na década de 1990, e também observando a função de sujeito, constata os índices de 28% de *nós* e 72% de *a gente*. Santana (2014), por sua vez, descreve o uso de *nós* e *a gente*, também na função de sujeito, no português popular de Salvador, Bahia, adotando como *corpus* o Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador, composto por entrevistas do tipo diálogo entre informante e documentador, em situação de fala semiespontânea, levantadas entre 1998 e 2000. O autor encontra as taxas de 24% e 76% para as formas *nós* e *a gente*, respectivamente.

Vianna e Lopes (2012) compilam resultados de diversos trabalhos (que lançam mão de *corpora* variados, representativos do fim do século XX e começo do XXI), a fim de comparar os empregos de *nós* e *a gente* em distintas capitais brasileiras. Os resultados indicam uso predominante de *a gente* em todas as capitais observadas. Os dados reunidos pelas autoras constam no gráfico que elaboramos abaixo:

Gráfico 1 – Percentuais de *nós* e *a gente* em diferentes capitais brasileiras, segundo dados de Vianna e Lopes (2012)



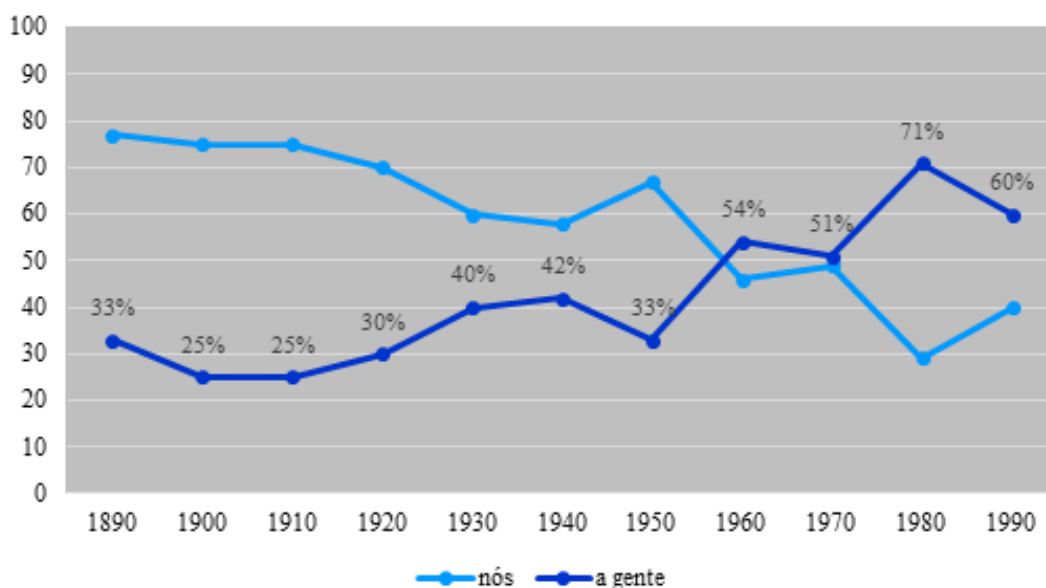
Fonte: Elaboração própria.

Pacheco (2018) procede a um levantamento bibliográfico similar ao de Vianna e Lopes (2012), reunindo quantidade, inclusive, muito extensa de trabalhos variacionistas, realizados desde a década de 1980, que comparam os percentuais de uso de *nós* e *a gente*. A autora levanta estudos que descrevem o PB de várias regiões do Brasil (incluindo tanto diferentes estados quanto diferentes partes de mesmos estados). Segundo ela, referindo-se ao final do século XX e início do XXI, o PB, de uma forma geral, privilegia o uso de *a gente* em detrimento de *nós*. Até em comunidades mais isoladas, a forma *a gente* é majoritária.

Levando em conta que, em séculos passados do PB, não se verifica emprego de *a gente* como forma pronominal, ou esse uso é pouco recorrente, e considerando, conforme apontam os estudos citados, que, atualmente, a frequência de uso da forma pronominal *a gente* supera os índices de *nós*, pode-se depreender que o PB, de fato, passou pela ampliação da frequência de emprego de *a gente* em prejuízo de *nós*.

Com efeito, algumas pesquisas levantam dados diacrônicos que indicam essa mudança. Borges (2004, 2019), por exemplo, analisa a inserção e a propagação da forma pronominal *a gente* em onze peças de teatro escritas por autores gaúchos, no período de 1896 a 1995. Segundo sua investigação, nesse contexto, a partir da década de 1960, a forma *a gente* na função de sujeito passa a competir efetivamente com o pronome-sujeito *nós* e, dessa década em diante, *a gente* apresenta percentual superior a 50%, superando o pronome *nós*. Para efeito ilustrativo, os dados do autor são apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Evolução diacrônica do uso de *nós* e *a gente*, segundo dados de Borges (2004, 2019)



Fonte: Elaboração própria, mediante adaptação de Borges (2004, 2019).

Lopes (1999) estuda a variação linguística envolvendo as formas *nós* e *a gente*, examinando entrevistas de informantes da cidade do Rio de Janeiro, junto ao Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), realizadas na década de 70 e na década de 90 (com os mesmos informantes entrevistados na década de 70 e com informantes diferentes). Como resultado, a autora identifica, na amostra relativa à década de 70, os percentuais de 42% e 58% de *a gente* e de *nós*, respectivamente; na amostra de 1990, com os mesmos informantes recontactados, são apurados os índices de 54% e 46% de *a gente* e de *nós*, e, com informantes diferentes, os percentuais de 75% e de 25% de *a gente* e de *nós*. Segundo a autora, o resultado sinaliza uma aceleração da substituição de *nós* por *a gente*, nesse contexto, no período em estudo.

Também nas pesquisas que temos realizado sobre a diacronia da transparência do PB, levantamos dados diacrônicos quantitativos acerca do emprego das formas *nós* e *a gente* – em Guerra (2017), apresentamos esses dados, que retomamos aqui, para os fins do presente artigo.⁸ Nossos dados sobre as formas *nós* e *a gente* foram coletados em um *corpus* que montamos para essas pesquisas, o qual é composto por peças teatrais brasileiras produzidas do século XIX ao XXI.

Assumindo que a mudança *nós/a gente* (bem como outras mudanças relevantes para estudo da transparência) pode ser mais bem detectada em gêneros discursivos típicos da oralidade e considerando a inviabilidade de reunir material de língua falada de períodos mais antigos, escolhemos *peças de teatro* para formação do *corpus*, visando examinar textos mais próximos da oralidade, tendo em vista que peças teatrais costumam retratar a língua falada de sua época. O espaço temporal recoberto pelo *corpus* – século XIX ao XXI – deveu-se

⁸ De acordo com nossa pesquisa bibliográfica, não é extenso o corpo de estudos que disponibilizam dados quantitativos diacrônicos sobre a mudança *nós/a gente*. Nesse sentido, nosso trabalho, ao fornecer dados diacrônicos sobre o uso dessas formas, procura, entre seus demais objetivos, representar uma contribuição para o registro da mudança *nós/a gente*.

a limitações naturais de acesso a peças produzidas antes do século XIX, decorrendo ainda do entendimento de que o intervalo temporal selecionado contempla, de fato, um período considerável da história do PB. Com base em procedimento metodológico comumente empregado em análises diacrônicas (ver, por exemplo, procedimentos adotados junto ao *Projeto para a História do Português Brasileiro* (Castilho, 2019), compusemos o *corpus* dividindo cada século em primeira e segunda metade, o que proporcionou cinco recortes sincrônicos para serem comparados diacronicamente: primeira e segunda metade do século XIX, primeira e segunda metade do século XX e primeira metade do século XXI, períodos que chamaremos aqui, respectivamente, de 19-1, 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1.

O *corpus* foi constituído por 55 peças teatrais, distribuídas entre as cinco sincronias, compreendendo, por exemplo, peças como as seguintes: sincronia 19-1: *Os Irmãos das Almas* (de 1844, escrita por Martins Pena), *Angélica e Firmino* (1845, Araújo Porto Alegre); sincronia 19-2: *A Torre em Concurso* (1863, Joaquim Manuel de Macedo), *Cahio o Ministerio* (1883, França Júnior); sincronia 20-1: *Ministro do Supremo* (1921, Armando Gonzaga), *Álbum de Família* (1946, Nelson Rodrigues); sincronia 20-2: *A Invasão* (1962, Dias Gomes), *Ópera do Malandro* (1978, Chico Buarque); sincronia 21-1: *Síndromes* (2003, Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella), *Ilustríssimo Filho da Mãe* (2008, Leilah Assumpção). A seleção de peças para composição do *corpus* obedeceu a uma série de condições, dentre as quais podem ser destacadas: a seleção somente de obras publicadas oficialmente; a escolha da primeira edição da obra ou de versão próxima da primeira edição; o descarte de obras que retratavam um tempo diferente daquele em que foram produzidas; a exclusão de peças e trechos escritos em verso; a coleta de dados a partir, apenas, das falas dos personagens (com exclusão de outras partes, como descrição de cenário, de personagens, estruturação da obra etc.) por se tratar da parte do gênero que estaria mais próxima da oralidade do período em questão.⁹

A partir desse material, estabelecemos a meta de levantar, para cada uma das sincronias, 100 ocorrências de expressão pronominal de argumento-sujeito de 1PP, para identificarmos, em cada período, a frequência em que essa expressão é realizada por *nós* e por *a gente* (apenas no material da sincronia 19-1, a meta de 100 ocorrências não foi obtida, amostra na qual foi possível encontrar 58 ocorrências). Para levantamento das ocorrências, foram considerados os seguintes critérios:

- i) estabelecemos o limite de 25 ocorrências por peça (para diversificação das fontes dos dados, restrição não aplicada à sincronia 19-1, pela indisponibilidade de *corpus* mais extenso representativo desse período);¹⁰
- ii) coletamos apenas ocorrências em que o argumento-sujeito de 1PP é explicitamente expresso por *nós* ou *a gente* (sujeito pronominal não nulo), excluindo ocorrências de não expressão pronominal (sujeito pronominal nulo);¹¹

⁹ O conjunto total de peças do *corpus* e a lista completa de critérios para seleção das obras podem ser encontrados em Guerra (2017).

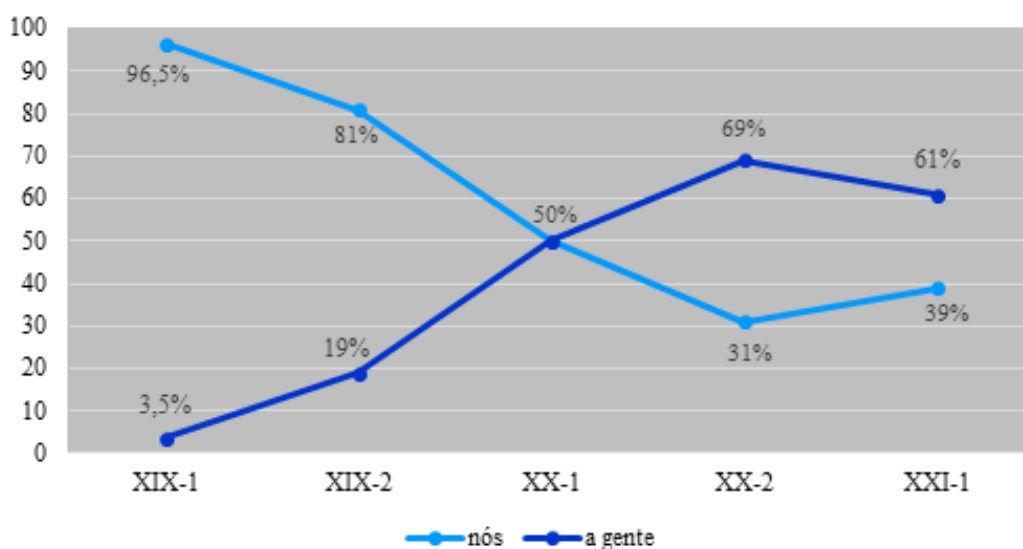
¹⁰ Embora, a princípio, o limite de 25 ocorrências por peça não tenha sido aplicado à sincronia 19-1, nenhuma peça dessa sincronia conteve mais do que 25 dados. Assim, nesse período, houve naturalmente diversificação de peças no levantamento das ocorrências.

¹¹ Na coleta dessas 25 ocorrências, foram selecionadas, de cada peça, as primeiras 25 ocorrências de pronome explícito de 1PP.

- iii) para as ocorrências de *a gente*, recolhemos somente os casos em que a forma atua como pronome de 1PP, desconsiderando casos em que a forma opera como item não-gramaticalizado, composto pelo substantivo *gente*, antecedido do artigo *a*;
- iv) para as ocorrências de *nós*, excluímos casos em que o pronome é modificado por quantificadores, como em *nós todos*, *nós três*, *cada um de nós*, entendendo que tais construções não admitem variação entre *nós* e *a gente*.

O Gráfico 3 mostra, então, os resultados de nosso levantamento de dados:

Gráfico 3 – Evolução diacrônica do uso de *nós* e *a gente*



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver, nossos resultados corroboram e especificam o reconhecimento do fenômeno do aumento percentual de uso da forma *a gente* em detrimento do pronome *nós*.¹² Apenas no intervalo entre a sincronia 20-2 para a 21-1, há queda (relativamente pequena) do emprego de *a gente*, em favor do aumento do uso de *nós*. Em todo o restante do período, verifica-se aumento significativo do percentual de *a gente*, com destaque para o espaço entre 19-2 e 20-1, em que o índice de *a gente* sobre 31 pontos percentuais, empatando com a taxa de *nós* em 50%. A partir daí, e até o final do tempo observado, a frequência de *a gente* é superior à de *nós*. Na seção seguinte, usaremos os índices dispostos no Gráfico 3 (que retrata apenas pronomes sujeitos explícitos) para cálculo do impacto da mudança *nós/a gente* sobre o grau de transparência do PB.

Finalizando a presente seção e a título de ilustração e registo de dados, os exemplos abaixo fornecem uma ocorrência de *nós* e uma de *a gente* de cada um dos recortes sincrônicos analisados:

¹² Além de corroborar a ocorrência da mudança *nós/a gente*, nosso trabalho complementa outros estudos que oferecem dados diacrônicos sobre a mudança, ao descrevê-la com base em um *corpus* distinto do usado por pesquisas prévias e que contempla período diferente, abrangendo desde a primeira metade do século XIX até início do século XXI – note-se, por exemplo, o estudo de Borges (2004, 2019), que recobre o período de 1890 a 1990.

- (6) LUIZA – Tenho tanta repugnância de servir-me d'este dinheiro.
 JORGE – Porque?
 LUIZA – Dinheiro de esmolas que pedes para as almas!
 JORGE – E então o que tem isso? – é verdade que peço para as almas; mas **nós** também não temos alma? (*Os Irmãos das Almas*; Pena, 1847, p. 3).
- (7) CÂNDIDA – Homem com vontade de ferro, que não muda ainda mesmo doente! Ao menos o mano Gustavo não é assim. Nos momentos de bom humor cede a tudo, principalmente se a **gente** lhe diz que ele é bonito. Faz tudo quanto se lhe pede. (*Angélica e Firmino* [1845]; Cafezeiro; Guerra, 1997, p. 86).
- (8) CRESPIM – [...] Pascoal, **nós** somos dous ingleses, tão ingleses como a própria lama de Londres.
 PASCOAL – Mas o bôllo!... o bôllo!... o bôllo!... (*A Torre em Concurso*; Macedo, 1863, p. 100).
- (9) COELHO – Mas, minha filha, tu pensas que em politica a **gente** sóbe unicamente por seus bellos olhos? Não sou rico, já estou velho, não tenho pai alcaide, se deixar fugir as ocasiões, quando serei ministro?
 D. BARBARA – E para que você quer ser ministro, seu Chico?
 COELHO – Ora, tens ás vezes certas perguntas? Para que? Para governar, para fazer o que os outros fazem (*Cahio o Ministério*; França Júnior, 1883, p. 31).
- (10) MANECO – O Vicente é meu velho camarada. **Nós** brigámos ás vezes, mas eu gosto delle. (*Ministro do Supremo* [1921]; Gonzaga, 1940, p. 71).
- (11) GLÓRIA (como que falando para si mesma) – Ficou sentida – tão sentida! – por que eu contei que...
 GUILHERME (desesperado) – Contou o quê?
 GLÓRIA – ... que tôda vez que a **gente** se beijava, eu fechava os olhos e via direitinho a fisionomia de papai (*Album de Família*; Rodrigues, 1946, p. 86).
- (12) MALÚ – O senhor acha que **nós** não devíamos ter tomado parte na invasão?
 JUSTINO – Acho é que a gente nunca devia ter saído de nossa terra. Nunca. (*A Invasão*; Gomes, 1962, p. 14).
- (13) DURAN – Que debutante? Não, hoje não chegou aqui nenhuma debutante. [...]. (Toca a campainha) Eu vou ter que desligar, Chaves, a **gente** se fala depois. (Toca a campainha; Duran desliga o telefone e berra) Entra, porra! (*Ópera do Malandro*; Buarque, 1978, p. 28).
- (14) PRYSCILLA – Eu quero ir pra casa. Tou com fome, mãe!
 JANDIRA – **Nós** já vamos. (*Síndromes*; Barbosa; Falabella, 2003, p. 287).
- (15) JORGE – E o que tanto fala do Caio? O que é isso? Vocês têm se visto?
 LENA – Desde que ele se separou.
 JORGE – (surpreso) Como assim? Ele não me disse nada...
 LENA – O Caio é uma pessoa muito sensível. A **gente** tem muita afinidade. (*Ilustríssimo Filho da Mãe* [2008]; Assumpção, 2010, p. 593).

4 Cálculo do impacto da mudança nós/a gente sobre a transparência do PB

Como estamos considerando neste trabalho, o sistema EAS-1PP pode ser caracterizado, em cada recorte sincrônico da língua, como tendo um dado *grau de transparência*. Suponha-se que o argumento-sujeito de 1PP fosse expresso pronominalmente apenas pela forma *nós* (sem variação com *a gente*) e que a expressão pronominal fosse obrigatória (sem variação com a não-expressão pronominal). Num cenário assim, o sistema EAS-1PP propiciaria a expressão do argumento-sujeito sempre por RC, pela combinação entre o pronome obrigatório e a desinência número-pessoal, que é explícita em todas as formas verbais relativas ao pronome *nós*. O sistema seria caracterizado por ser completamente opaco. É esse tipo de característica que observamos para identificar o grau de transparência do sistema. No caso hipotético em questão, diríamos que o sistema teria um grau de transparência de 0% (ou um grau de opacidade de 100%).

Diferentemente, porém, desse cenário, o sistema EAS-1PP, como argumentado na seção 2, proporciona, em certa medida, construções opacas e, em certa medida, construções transparentes. Seu grau de transparência será definido, então, pela proporção em que favorece a expressão transparente do argumento-sujeito.

Conforme explicado também na seção 2, a transparência do sistema é determinada por três fatores (tendo em vista todo o recorte temporal aqui em pauta): (i) propensão da língua para tratar o argumento-sujeito de 1PP em termos do pronome *nós* e em termos do pronome *a gente* (variação *nós/a gente*); (ii) propensão da língua para expressar e para não expressar o argumento-sujeito por pronome (variação expressão/não expressão pronominal); (iii) presença e ausência de desinência número-pessoal explícita nas formas verbais relativas a esses pronomes, nos nove tempos verbais do PB.

A interação desses fatores resulta nas 36 possibilidades de expressão do argumento-sujeito que compõem o sistema EAS-1PP, como mostra o Quadro 1 anterior, sintetizado abaixo no Quadro 2:

Quadro 2 – Sistema de expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª pessoa do plural

Pronome	Expressão pronominal	Ind. pres.	Ind. pret. imp.	Ind. pret. perf.	Ind. pret. m.q.perf.	Ind. fut. pres.	Ind. fut. pret.	Subj. pres.	Subj. pret. imp.	Subj. fut.	Totais
nós	+	RC	RC	RC	RC	RC	RC	RC	RC	RC	9
	-	RS	RS	RS	RS	RS	RS	RS	RS	RS	9
a gente	+	RS	RS	RC	RS	RS	RS	RS	RS	RS	9
	-	RZ	RZ	RS	RZ	RZ	RZ	RZ	RZ	RZ	9
Totais		4	4	4	4	4	4	4	4	4	36

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 2 destaca que, das 36 possibilidades de expressão do argumento-sujeito, exatamente metade (18 cruzamentos) compreende expressão transparente (casos tachados no quadro), e a outra metade inclui combinações opacas. Isso ocorre porque, em qualquer combinação entre pronome e tempo verbal, se a expressão pronominal implica construção opaca (*nós cantávamos*), a respectiva versão sem expressão pronominal será transparente (\emptyset *cantávamos*); em

sentido oposto, se a expressão pronominal implica transparência (*a gente cantava-Ø*), a respectiva versão sem expressão pronominal será opaca (*Ø cantava-Ø*). Desse modo, uma vez que o sistema, naturalmente, comporta uma metade de combinações com expressão pronominal e outra metade com as respectivas versões sem expressão, há mesmo número de combinações transparentes (18) e opacas (18). Dessa forma, poder-se-ia concluir que, em qualquer sincronia em que houvesse opcionalidade entre expressão e não-expressão pronominal (como em todas as sincronias aqui consideradas), o sistema EAS-1PP apresentaria um grau de transparência de 50%.

No entanto, os 36 cruzamentos de fatores, em qualquer das sincronias, não são igualmente fomentados pelo sistema, que irá promover maior emprego de umas ou outras das combinações – o que se verifica porque o sistema, a cada sincronia, irá propiciar a expressão de 1PP em termos de *nós* e de *a gente* em diferentes proporções, bem como irá propiciar a expressão e a não-expressão pronominal também em diferentes medidas. Assim, o aparente equilíbrio entre transparência e opacidade (pela simples igualdade numérica de combinações desses dois tipos) deixa de existir, e o sistema pende para um ou outro desses lados. Ou seja, a transparência do sistema, conforme aqui analisamos, não depende apenas da quantidade de combinações transparentes e opacas que ele disponibiliza, mas depende também de quanto ele favorece o emprego de cada uma das combinações.

Nesse sentido, para calcular o grau de transparência do sistema em cada sincronia, nosso método consiste em identificar em que proporção o sistema promove cada uma das 36 combinações e, a partir dos índices de promoção das combinações transparentes, determinar o grau de transparência do sistema como um todo. Para isso, partimos das frequências de uso de *nós/a gente* e de expressão/não expressão pronominal levantadas em *corpus* de análise, entendendo que essas frequências refletem justamente as propensões da língua – no caso, as propensões do sistema EAS-1PP – para emprego de *nós/a gente* e para expressão/não expressão pronominal e, assim, as propensões do sistema para uso de umas ou outras das combinações disponibilizadas. O Quadro 3 mostra como o cálculo é feito para a sincronia 19-1¹³.

Quadro 3 – Cálculo do grau de transparência do sistema EAS-1PP na sincronia 19-1¹³

Pro-nome	Expres-são pronominal	Ind. pres.	Ind. pret. imp.	Ind. pret. perf.	Ind. pret. m.q.perf.	Ind. fut. pres.	Ind. fut. pret.	Subj. pres.	Subj. pret. imp.	Subj. fut.
nós 96,5%	+	RC 17,4%	RC 17,4%	RC 17,4%	RC 17,4%	RC 17,4%	RC 17,4%	RC 17,4%	RC 17,4%	RC 17,4%
	-	RS 79,1%	RS 79,1%	RS 79,1%	RS 79,1%	RS 79,1%	RS 79,1%	RS 79,1%	RS 79,1%	RS 79,1%
a gente 3,5%	+	RS 0,6%	RS 0,6%	RC 0,6%	RS 0,6%	RS 0,6%	RS 0,6%	RS 0,6%	RS 0,6%	RS 0,6%
	-	RZ 2,9%	RZ 2,9%	RS 2,9%	RZ 2,9%	RZ 2,9%	RZ 2,9%	RZ 2,9%	RZ 2,9%	RZ 2,9%
Valor total de transp. por tempo verbal		79,7%	79,7%	82%	79,7%	79,7%	79,7%	79,7%	79,7%	79,7%
Grau médio de transp. do sistema		79,9%								

Fonte: Elaboração própria.

¹³ No cálculo explicado no Quadro 3, os percentuais de *nós* e *a gente* (que aparecem na primeira coluna) são aqueles apresentados no Gráfico 3 acima. Esses percentuais foram levantados a partir de 100 ocorrências de cada sincronia (com exceção apenas da sincronia 1, como acima explicado), considerando-se ocorrências apenas de pronome exposto, como forma de focalizar a opcionalidade entre *nós* e *a gente* (sem incluir, nesse levantamento,

Para elaborar o cálculo, primeiramente levamos em conta as frequências de uso de *nós* e *a gente* na sincronia em questão (19-1), as quais, conforme nossos dados expostos na seção anterior, são, respectivamente, 96,5% e 3,5%, valores registrados na primeira coluna do Quadro 3. Assim, uma primeira indicação a ser notada no Quadro 3 é a de que, na sincronia 19-1, o sistema EAS-1PP fomenta o emprego de *nós* e *a gente* na proporção de 96,5% e 3,5% respectivamente; ou seja, em 19-1, a probabilidade de um falante expressar o argumento-sujeito de 1PP em termos de *nós* é de 96,5%, e a probabilidade de o expressar em termos de *a gente* é de 3,5%.

Em seguida, consideramos os percentuais de uso de expressão e não-expressão pronominal de 1PP. Em Guerra (2017), apresentamos resultados de pesquisa diacrônica sobre o PB, que realizamos com o mesmo *corpus* exposto na seção anterior, e apuramos os percentuais de 18% de expressão e 82% de não-expressão pronominal de 1PP, índices que constam na segunda coluna do Quadro 3. Desse modo, uma segunda indicação a ser focalizada no Quadro é a de que, em 19-1, o sistema EAS-1PP promove o uso de expressão pronominal e de não expressão pronominal na proporção de 18% e 82%.

A partir, então, das taxas de emprego de *nós/a gente* e de expressão/não-expressão pronominal, calculamos a proporção em que o sistema EAS-1PP promove o uso de cada uma das 36 combinações do sistema, para cada tempo verbal.

Em qualquer tempo verbal, a proporção em que o sistema promove a combinação entre *nós* e expressão pronominal (*nós cantamos*) será de 17,4% (como se vê, por exemplo, na coluna 3, linha 2 do Quadro 3), valor que representa 18% (disposição do sistema para a expressão pronominal) da tendência de 96,5% (propensão do sistema para emprego de *nós*, em vez de *a gente*). Similarmente, a proporção em que o sistema favorece o emprego da combinação entre *nós* e não expressão pronominal (\emptyset *cantamos*) é de 79,1% (coluna 3, linha 3), o que significa 82% (inclinação do sistema para a não expressão pronominal) da tendência de 96,5% (tendência para o uso de *nós*). A proporção em que o sistema patrocina a combinação entre *a gente* e expressão pronominal (*a gente canta*) (coluna 3, linha 4) é de 0,6%, o que equivale a 18% (propensão para expressão pronominal) de 3,5% (propensão para o emprego de *a gente*). Já a proporção em que o sistema leva à combinação entre *a gente* e não expressão pronominal (\emptyset *canta*) (coluna 3, linha 5) é de 2,9%, isto é, 82% (tendência para não expressão pronominal) de 3,5% (inclinação para o uso de *a gente*).

Por exemplo, considere-se um conjunto de 1.000 ocorrências de argumento-sujeito de 1PP. Em relação a esse total, o sistema prevê, para qualquer tempo verbal, a expressão do argumento-sujeito nas seguintes proporções:

- a) em 96,5% das 1.000 ocorrências (965 ocorrências), o argumento-sujeito tenderá a ser tratado em termos do pronome *nós* e, desse conjunto de 965 ocorrências, 18% delas deverão ser realizadas com expressão pronominal (*nós cantamos*), o que resulta em 174 ocorrências, isto é, 17,4% do total inicial de 1.000 ocorrências (coluna 3, linha 2);

também a opcionalidade entre expressão e não expressão de sujeito). Os percentuais dessa segunda opcionalidade (que aparecem na segunda coluna do Quadro 3) foram levantados em trabalho anterior (Guerra, 2017), que apurou essa opcionalidade considerando *nós* e *a gente* em conjunto, isto é, considerando os percentuais de expressão e não expressão de 1PP (desse modo, o Quadro 3 considera um mesmo percentual de expressão para *nós* e *a gente* e um mesmo percentual de não expressão para os dois pronomes). Ainda assim, é necessário separar os dois pronomes no Quadro 3, porque as formas verbais relativas a cada um diferem em termos da presença/ausência de desinência número-pessoal explícita (com *nós*, todas as formas têm desinência explícita; com *a gente*, têm desinência explícita apenas as formas de pretérito perfeito).

- b) no conjunto de 965 ocorrências tratadas em termos de *nós*, 82% provavelmente serão realizadas sem expressão pronominal (\emptyset *cantamos*), o que resulta em 791 casos, representando 79,1% do total inicial de 1.000 ocorrências (coluna 3, linha 3);
- c) em 3,5% das 1.000 ocorrências (35 ocorrências), o argumento-sujeito tenderá a ser tratado em termos do pronome *a gente* e, nesse conjunto de 35 ocorrências, 18% delas deverão ser realizadas com expressão pronominal (*a gente canta*), o que resulta em 6 ocorrências, isto é, 0,6% do total inicial de 1.000 ocorrências (coluna 3, linha 4);
- d) no conjunto de 35 ocorrências tratadas em termos de *a gente*, 82% provavelmente serão realizadas sem expressão pronominal (\emptyset *canta*), resultando em 29 ocorrências, que representam 2,9% do total inicial de 1.000 ocorrências (coluna 3, linha 5).

Uma vez calculada, a cada tempo verbal, a proporção em que o sistema fomenta o uso de cada uma das quatro combinações entre *nós/a gente* e expressão/não expressão pronominal, nosso método inclui identificar o valor total de transparência para cada tempo. No presente do indicativo, são transparentes (RS) a combinação entre tratamento de 1PP como *nós* e não expressão pronominal (\emptyset *cantamos*) e a combinação entre tratamento de 1PP como *a gente* e expressão pronominal (*a gente canta* \emptyset). O sistema promove o emprego dessas duas combinações nas proporções de 79,1% (coluna 3, linha 3) e 0,6% (coluna 3, linha 4), respectivamente, o que soma 79,7% (coluna 3, linha 6), valor total de transparência do sistema no presente do indicativo. Isso significa que, quando o argumento-sujeito de 1PP ocorre em uma oração no presente do indicativo, a probabilidade de que ele seja expresso de forma transparente é de 79,7%.¹⁴

O mesmo raciocínio explica o valor de transparência do sistema em cada um dos demais tempos verbais. Como se pode ver no quadro, o valor de quase todos os tempos, com exceção do pretérito perfeito do indicativo, é o mesmo (79,7%), já que todos eles, com a exceção ressaltada, comportam-se do mesmo modo em termos de existência ou não de desinência número-pessoal explícita: nesses tempos, todas as formas verbais relativas ao pronome *nós* têm desinência explícita e todas as formas relativas a *a gente* não têm. Assim, nesses tempos, as combinações transparentes entre *nós/a gente* e expressão/não expressão pronominal são sempre as mesmas: *nós* e não expressão pronominal (\emptyset *cantamos*); *a gente* e expressão pronominal (*a gente canta* \emptyset). No pretérito perfeito, tempo em que há desinência explícita tanto na forma relativa a *nós* quanto na forma relativa a *a gente*, as combinações transparentes são: *nós* e não expressão pronominal (\emptyset *cantamos*) (como nos outros tempos); *a gente* e não expressão pronominal (\emptyset *cantou*) (diferentemente dos demais tempos). Por isso, no pretérito perfeito do indicativo, o valor total de transparência é diferente, 82% (coluna 5, linha 6), que é a soma dos valores das combinações transparentes nesse tempo: *nós* e não expressão pronominal (79,1%, coluna 5, linha 3); *a gente* e não expressão pronominal (2,9%, coluna 5, linha 5).

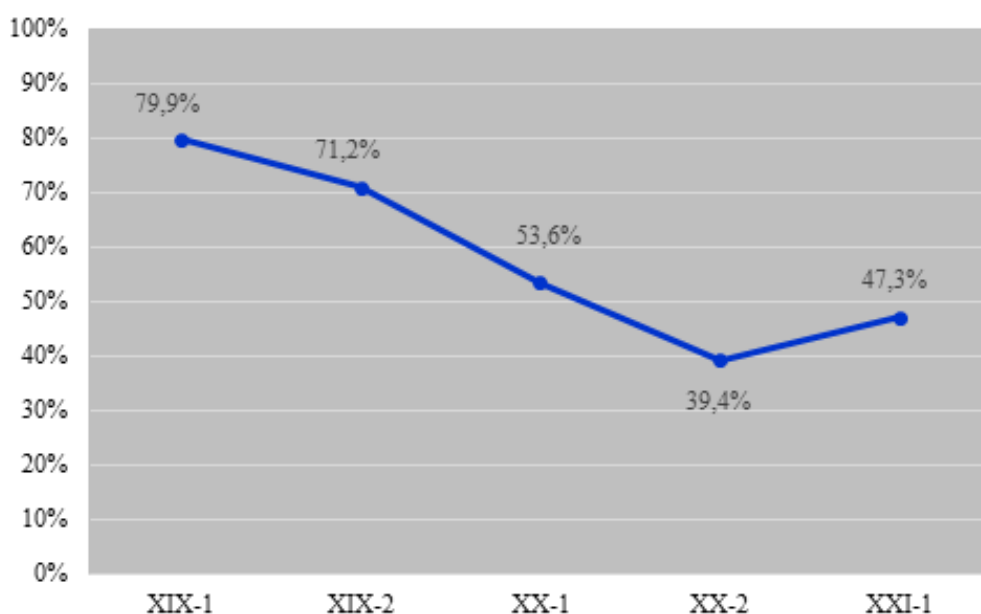
¹⁴ O cálculo expresso no Quadro 3, para cada combinação entre pronome e expressão ou não expressão de sujeito, resulta em percentuais iguais para os diferentes tempos verbais. Mesmo assim, é necessário incluir no cálculo os diferentes tempos separadamente uns dos outros, porque essas diferentes combinações entre pronome e expressão e não expressão nem sempre resultam num mesmo tipo de referência. No domínio do pronome *nós*, em todos os tempos verbais, as referências transparentes (que o artigo focaliza) ocorrem quando o pronome é não expresso. Já no domínio da forma *a gente*, as referências transparentes ocorrem quando o pronome é expresso, em quase todos os tempos verbais, mas não em todos (com exceção do pretérito perfeito). Assim, para se identificar a transparência do sistema, é necessário olhar os tempos separadamente e, ao final, fazer uma média entre os resultados de todos.

Se o valor de transparência de todos os tempos verbais fosse sempre o mesmo, por exemplo 79,7% (como na maioria dos tempos no caso em análise), esse valor já constituiria o próprio grau de transparência do sistema como um todo – em qualquer tempo verbal, a proporção em que o sistema levaria à expressão transparente do argumento-sujeito seria sempre de 79,7%. Todavia, como o valor de transparência não é o mesmo em todos os tempos, nosso procedimento é realizar uma média aritmética simples entre os valores de todos os tempos, o que resulta no valor final de 79,9%, como sendo, então, o grau de transparência do sistema como um todo. Esse valor final significa que, na sincronia 19-1, o sistema EAS-1PP promove o emprego de combinações transparentes de expressão do argumento-sujeito na proporção de 79,9%; isto é, a probabilidade de que o falante expresse esse argumento de forma transparente é de 79,9%.

Para identificar o grau de transparência do sistema nas demais sincronias, aplicamos exatamente o mesmo cálculo explicado acerca da sincronia 19-1. Alteramos apenas os índices de uso dos pronomes *nós* e *a gente* (coluna 1 do Quadro 3), que variam a cada recorte sincrônico, utilizando, nos cálculos, os índices de cada sincronia relatados no Gráfico 3 da seção anterior. No PB, a cada sincronia também variam, como mencionado, as taxas de expressão e não expressão pronominal, porém, nos cálculos dos diferentes períodos, foram usadas sempre as mesmas taxas da sincronia 19-1, justamente para que nossos cálculos captassem o impacto apenas da variação *nós/a gente* sobre a transparência do PB (como é o objetivo deste artigo). Mediante esse procedimento, foram identificados, para as sincronias 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1, os seguintes graus de transparência, respectivamente: 71,2%, 53,6%, 39,4%, 47,3%.

A identificação desses valores, juntamente com o relativo à sincronia 19-1, oferece, enfim, o traçado diacrônico buscado neste trabalho. Os graus de transparência de todas as sincronias são expostos também no gráfico seguinte:

Gráfico 4 – Variação diacrônica do grau de transparência do sistema EAS-1PP, considerando apenas o impacto da variação *nós/a gente*



Fonte: Elaboração própria.

Como se pode notar, o resultado obtido confirma nosso entendimento de que a variação *nós/a gente* tem influência, diacronicamente, sobre o grau de transparência do PB. Especificamente, os dados mostram que a alternância *nós/a gente*, no período em pauta, é uma força que, mantidas as demais características da língua, atuaria para a diminuição da transparência do sistema EAS-1PP. Trata-se de um impacto considerável sobre o sistema, envolvendo uma diminuição de transparência que chega a 32,6 pontos percentuais (na escala de 0 a 100%) ao final do período (diferença entre 79,9%, em 19-1, e 47,3% em 21-1). Essa queda pode ainda ser vista como maior, considerando-a em relação ao próprio grau de transparência do sistema no início da contagem (79,9%): em relação a esse valor inicial de 79,9% de transparência, a queda de 32,6% significa, na verdade, uma redução da ordem de 40,8%. Na sincronia 20,2, a transparência do sistema chegaria a uma redução até maior, de 40,5 pontos percentuais (na escala de 0% a 100%, sendo a diferença entre 79,9% e 39,4%), o que equivale a uma redução de 50,7% quando se considera a redução em relação ao valor inicial da transparência do sistema. São quedas, inclusive, que levariam o sistema, nas sincronias 20-2 e 21-1, a se tornar mais opaco do que transparente, já que nessas duas sincronias o índice de transparência ficaria abaixo de 50% (39,4% em 20-2 e 47,3% em 21-1).

A diminuição de transparência se mostra especialmente relevante quando se observa que o recorte diacrônico estudado é pouco extenso em relação à história de uma língua. Hodge (1970 *apud* Slobin, 1977) identifica, no egípcio antigo, uma alteração entre a tendência da língua a priorizar construções linguísticas analíticas *versus* a tendência da língua a preferir construções sintéticas, o que configura uma distinção comparável à diferença entre transparência e opacidade. O autor apura que o egípcio percorre dois ciclos inteiros, indo de uma a outra dessas tendências. No entanto, segundo o autor, esses ciclos completam-se no decorrer de quase 4.000 anos de história da língua. Tendo esse relato em vista, pode-se dizer que é, de fato, significativo o resultado obtido em relação ao PB, considerando o recorte diacrônico observado, que, embora recubra espaço considerável da história da língua, pode ser tomado como relativamente curto.

Os dados calculados de queda na transparência do sistema EAS-1PP, enfim, corroboram e especificam quantitativamente um cenário que pode ser sintetizado como sendo a passagem de uma situação na qual o sistema privilegiava a expressão do argumento-sujeito por RS para uma situação na qual privilegiaria a expressão por RZ. No início do período em análise (19-1), predominavam o tratamento de 1PP em termos *nós* (em vez de *a gente*) e a não expressão pronominal (em lugar da expressão pronominal); o predomínio dessa combinação, somado ao fato de todas as formas verbais relativas a *nós* terem desinência número-pessoal explícita, levava à prevalência de construções de RS como \emptyset *cantamos* (que sobrepujava *nós cantamos*, *a gente canta* \emptyset e \emptyset *canta* \emptyset). Já no final do período em apreço (21-1), observando que predomina o tratamento de 1PP em termos *a gente* (em vez de *nós*), considerando inalterada a preferência por não expressão pronominal (para os efeitos do foco deste artigo) e tendo em conta que a maioria das formas verbais relativas a *a gente* não tem desinência número-pessoal explícita, obteríamos um cenário em que o sistema passaria a privilegiar construções de RZ como \emptyset *canta* \emptyset (em detrimento de \emptyset *cantamos*, *nós cantamos* e *a gente canta* \emptyset). Em síntese, no período em questão, a mudança *nós/a gente*, em si, levaria à passagem do predomínio de construções de RS como \emptyset *cantamos*, \emptyset *cantávamos*, \emptyset *cantaríamos*, \emptyset *cantaremos*, \emptyset *cantás-*

semos para a predominância de construções de RZ como \emptyset *canta* \emptyset , \emptyset *cantava* \emptyset , \emptyset *cantaria* \emptyset , \emptyset *cantará* \emptyset , \emptyset *cantasse* \emptyset .¹⁵

Conforme mencionado, este artigo delimita-se a descrever o impacto da mudança *nós/a gente* sobre a transparência do sistema EAS-1PP, justamente como uma forma de identificar o papel específico dessa mudança sobre a língua. Naturalmente, uma compreensão mais completa da diacronia da transparência do sistema em pauta requer uma análise integrativa entre os efeitos aqui apurados com aqueles advindos do aumento diacrônico nos índices de expressão pronominal do argumento-sujeito. Na próxima seção, esboçamos esse tipo de discussão.

5 Considerações finais

Neste artigo, analisamos o fenômeno da variação diacrônica da propriedade da transparência linguística, abordando, em particular, a transparência do sistema de expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de primeira pessoa do plural no PB – o sistema EAS-1PP. Argumentamos, em termos teóricos, que a transparência desse sistema é influenciada pelo aumento diacrônico nos índices de uso do pronome *a gente* em detrimento do pronome *nós* e procuramos demonstrar, mediante cálculo quantitativo, o impacto específico dessa influência. Os resultados indicam que a mudança *nós/a gente*, em si, atuaria na direção de diminuição de transparência, ocasionando, da sincronia 19-1 à 21-1, uma queda de 32,6 pontos percentuais no grau de transparência do sistema – o que equivale a uma redução de 40,8% em relação ao grau de transparência do sistema no início do período observado (79,9%).

O resultado aqui descrito representa, obviamente, apenas uma parte do que ocorre diacronicamente com o sistema EAS-1PP, a parte relativa à influência que o sistema receberia da mudança *nós/a gente*. Como destacamos, o sistema também é afetado pelo aumento diacrônico no índice de expressão pronominal, que suplanta a não expressão pronominal na história do PB – ver, entre outros, Tarallo (1993), Duarte (1993, 1995), Guerra (2017, 2022) para dados quantitativos que atestam o domínio da expressão pronominal. Integrando a variação diacrônica *nós/a gente* com a variação expressão/não expressão pronominal, pode-se visualizar, grosso modo, que o sistema EAS-1PP chegaria a uma situação diferente daquela focalizada no presente trabalho: o predomínio, na sincronia 19-1, de construções de RS como \emptyset *cantamos* e \emptyset *cantávamos*, em vez de dar lugar, na sincronia 21-1, à prevalência de construções de RZ como \emptyset *canta* \emptyset e \emptyset *cantava* \emptyset , daria lugar à predominância de outro tipo de RS, relativo a construções como *a gente canta* \emptyset e *a gente cantava* \emptyset – predominância decorrente do maior uso de *a gente* (em relação a *nós*), do maior uso de expressão pronominal (em detrimento da não expressão pronominal) e do fato de a maioria das formas verbais relativas a *a gente* não conter desinência número-pessoal explícita.

¹⁵ Há que se considerar que estudos que analisam a correlação entre a expressão do sujeito e a concordância de 1PP mostram que a ocorrência de \emptyset *canta* \emptyset é reduzida se comparada a *a gente canta* \emptyset (por influência do aumento diacrônico das taxas de expressão do sujeito), o que indicaria que a mudança *nós/a gente* não teria correlação direta com uma passagem RS > RZ. No entanto, como destacamos em demais partes do artigo, o objetivo aqui é delimitar qual seria o papel específico da mudança *nós > a gente* sobre a transparência do PB. Trata-se de uma forma de contribuir para um entendimento particular do papel de cada fator envolvido na diacronia da transparência, o que não significa deixar de reconhecer que a mudança em questão compreende apenas parte do cenário completo que ocorre na língua.

Em Guerra (2017), discutimos justamente o impacto que a transparência do PB recebe da interação entre essas duas mudanças, em conjunto ainda com outras duas mudanças, o aumento diacrônico do uso do pronome *você* em detrimento de *tu*, e o aumento do uso de *vocês* em prejuízo de *vós*. Os resultados sugerem que a transparência do PB varia diacronicamente em conformidade com uma atuação contrabalanceada entre forças cognitivo-comunicativas que competem entre si na determinação da estrutura das línguas, sobretudo as conhecidas forças de *iconicidade* e *economia*, tradicionalmente tomadas, no campo do funcionalismo linguístico, como duas das principais motivações determinantes da estrutura gramatical das línguas.¹⁶ Com efeito, também o resultado aqui obtido parece igualmente condizente com a hipótese de que a variação de transparência da língua estaria ligada a um contrabalanceamento entre essas forças.

Note-se que, no cenário linguístico aqui delimitado, circunscrito à mudança *nós/a gente*, o sistema EAS-1PP deixaria de privilegiar construções de RS e passaria a fomentar construções de RZ. Construções de RZ são condizentes com a atuação da motivação de economia linguística – já que consistem na veiculação de um significado (o de 1PP) sem uso de nenhuma expressão linguística material (nem pronome, nem desinência verbal explícita) –, porém, não são condizentes com a força da iconicidade, que prevê pareamento biunívoco (transparente) entre forma e conteúdo. Por outro lado, num cenário mais completo, que contemple tanto a mudança *nós/a gente* quanto a mudança *expressão/não expressão pronominal*, a alteração no sistema seria compatível, ao mesmo tempo, com ambas as forças, iconicidade e economia.

A compatibilidade com a iconicidade verifica-se na medida em que o sistema, conforme apontado acima, deixaria de privilegiar um tipo de construção de RS (\emptyset *cantávamos*) para privilegiar outro tipo de construção também de RS (*a gente cantava* \emptyset). Assim, o sistema permaneceria afinado com a motivação da iconicidade, já que a RS pode ser vista justamente como uma construção icônica.

A compatibilidade com a economia também ocorre. No PB, a integração da mudança *nós/a gente* com a mudança *expressão/não expressão pronominal* impediu não só que o sistema EAS-1PP caminhasse para privilegiar a RZ (o que aconteceria caso ocorresse na língua apenas a mudança *nós/a gente*, como considerado no cálculo quantitativo focalizado no artigo), mas também impediu que o sistema viesse a privilegiar construções de RC: caso tivesse se processado na língua apenas o aumento diacrônico nos índices de expressão pronominal (não ocorrendo a mudança *nós/a gente*), o sistema, na sincronia 21-1, teria passado a privilegiar construções de RC como *nós cantamos*, *nós cantávamos*, *nós cantaríamos*, privilégio decorrente do predomínio da expressão pronominal (que suplantaria a não expressão), do predomínio de *nós* sobre *a gente* (resultante da não ocorrência da mudança entre esses dois pronomes) e do fato de que todas as formas verbais relativas ao pronome *nós* têm desinência número-pessoal explícita. Esse predomínio de RC, além de configurar-se como uma situação não icônica, seria também uma situação não econômica, já que a RC é uma estrutura redundante (é o uso de duas formas linguísticas para expressão de um mesmo significado). Portanto, o cená-

¹⁶ De acordo com autores como Haiman (1983) e Croft (2003), a motivação cognitivo-comunicativa da iconicidade prevê, dentre outras estruturas linguísticas, o pareamento biunívoco entre unidades de forma e unidades de significado da estruturação linguística sintagmática. Já a economia prevê pareamentos não biunívocos, como combinações entre: uma unidade de forma e duas de significado; uma unidade de significado e nenhuma unidade de forma (caso, por exemplo, do morfema zero). Nesse sentido, as construções transparentes aqui em estudo (RS) podem ser vistas como uma forma de iconicidade.

rio linguístico mais completo, que envolve tanto a mudança *nós/a gente* quanto a mudança expressão/não expressão pronominal, configura uma situação econômica (além de icônica) ao evitar o predomínio da RC.

Em resumo, o cenário aqui focalizado, circunscrito à mudança *nós/a gente*, seria compatível apenas com a força da iconicidade, não com a economia linguística, enquanto o cenário mais completo (e real), que abrange também a mudança *expressão/não expressão pronominal*, é condizente com ambas as forças. Nesse sentido, nossa visão é a de que, por essa razão (juntamente com outros fatores), o cenário circunscrito apenas à mudança *nós/a gente* não vem a ocorrer na língua efetivamente. A expressiva queda de transparência que o sistema EAS-1PP exibiria, privilegiando construções de RZ, pode não ter sido o caminho efetivamente instalado na língua pela falta de um maior alinhamento com o contrabalanceamento entre forças como iconicidade e economia.

A nosso ver, trata-se de uma hipótese concernente com os resultados aqui expostos e passível de ser explorada em outras pesquisas, que analisem *corpora* diversos, fenômenos distintos dos já estudados e novos recortes diacrônicos, em busca de uma compreensão cada vez mais completa e esclarecedora acerca do processo de variação diacrônica da propriedade da transparência linguística. Nossa expectativa é que o presente artigo possa contribuir para esse tipo de pesquisa, fornecendo indicações para a delimitação de temas de estudo, elementos para a elaboração de procedimentos metodológicos e dados empíricos para comparações futuras.

Referências

ASSUMPÇÃO, L. Ilustríssimo Filho da mãe. In: ASSUMPÇÃO, L. *Onze peças de Leilah Assumpção*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010, p. 575-603.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. 206f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

BORGES, P. R. S. As dimensões sociais da mudança em peças de teatro de autores gaúchos: uma contribuição para o estudo da inserção e da propagação do pronome *a gente* no português brasileiro. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, v. 1, n. 59, p. 71-88, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/2236-6385.92310>.

BARBOSA, M. C.; FALABELLA, M. Síndromes. In: BARBOSA, M. C.; FALABELLA, M. *Querido mundo e outras peças*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003, p. 261- 292.

BUARQUE, C. *Ópera do malandro*. São Paulo: Cultura, 1978.

CAFEZEIRO, E.; GUERRA, R. Angélica e Firmino. In: CAFEZEIRO, E.; GUERRA, R. *Teatro completo de Araújo Porto-Alegre*. Rio de Janeiro: Funarte; Brasília: Ministério da Cultura, 1997. t. 2. p. 56-108.

CÂMARA JR., J. M. *A Estrutura da língua portuguesa*. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

- CASTILHO, A. T. (org.). *História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 107-128.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. 1995. 151f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- FRANÇA JÚNIOR, J. J. *Cahio o ministério: comedia original de costumes em tres actos por França Junior*. Rio de Janeiro: Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho Livreiro Editor, 1883. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7463>. Acesso em: 31 jan. 2025.
- GOMES, A. D. A invasão. In: GOMES, A. D. *A invasão; A revolução dos beatos: teatro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962, p. 1-125.
- GONÇALVES, S. C. L. *Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): o português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. São José do Rio Preto: UNESP (Relatório científico, FAPESP), 2007.
- GONZAGA, A. *Ministro do Supremo: comedia em tres actos*. In: GONZAGA, A. *Comedias*. São Paulo: Livraria Teixeira, Vieira Pontes & Cia, 1940, p. 1-79.
- GRÁNDEZ ÁVILA, M. Language transparency in Functional Discourse Grammar: the case of Quechua. *Linguistics in Amsterdam*, Amsterdam, v. 4, n. 2, p. 22-56, 2011. Disponível em: <https://linguisticsinamsterdam.nl/home?issue=42>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- GUERRA, A. R. *Diacronia do grau de transparência do sistema de referência por expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas no português brasileiro*. 2017. 170f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.
- GUERRA, A. R. Variação diacrônica do grau de transparência linguística do português brasileiro: o papel do aumento percentual da expressão pronominal do argumento-sujeito. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 63, p. 1-16, e021011, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v63i00.8657215>.
- GUERRA, A. R. Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 19, n. 3, p. 203-230, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3449>.
- HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. *Language*, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983. DOI: <https://doi.org/10.2307/413373>.
- HENGEVELD, K. Transparency in Functional Discourse Grammar. *Linguistics in Amsterdam*, Amsterdam, v. 4, n. 2, p. 1-22, 2011a. Disponível em: <https://linguisticsinamsterdam.nl/home?issue=42>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- HENGEVELD, K. Epilogue: degrees of transparency. *Linguistics in Amsterdam*, Amsterdam, v. 4, n. 2, p. 110-114, 2011b. Disponível em: <https://linguisticsinamsterdam.nl/home?issue=42>. Acesso em: 04 mar. 2024.
- HENGEVELD, K.; LEUFKENS, S. Transparent and non-transparent languages. *Folia Linguistica*, v. 52, n. 1, p. 139-175, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1515/flin-2018-0003>.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1, p. 17-35.

LEUFKENS, S. The transparency of creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, v. 28, n. 2, p. 323-362, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1075/jpcl.28.2.03leu>.

LEUFKENS, S. *Transparency in language: a typological study*. Utrecht: LOT, 2015.

LOPES, C. R. S. *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. 181f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

LOPES, C. R. S. O quadro dos pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.). *Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 151-178.

MACEDO, J. M. *A torre em concurso: comédia burlesca em tres actos*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Editor, 1863. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3997>. Acesso em: 33 jan. 2025.

NORDHOFF, S. Transparency in Sri Lanka Malay. *Linguistics in Amsterdam*, Amsterdam, v. 4, n. 2, p. 96-110, 2011. Disponível em: <https://linguisticsinamsterdam.nl/home?issue=42>. Acesso em: 11 mar. 2024.

OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 75-84.

PACHECO, C. S. A diacronia e a sincronia dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* no português brasileiro e no português uruguaio. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 221-253, 2018.

PENA, L. C. M. *Os irmãos das almas: comédia em um acto*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1847. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4053>. Acesso em: 30 jan. 2025.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

RODRIGUES, N. Album de família. In: RODRIGUES, N. *Album de família e vestido de noiva*. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1946, p.7-144.

RUBIO, C. F.; GONÇALVES, S. C. L. Opções metodológicas no estudo de fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do discurso no plural. *Gragoatá*, Niterói, v. 15, n. 29, p. 161-182, 2010. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v15i29.33080>.

SANTANA, A. M. B. *Nós e a gente: um retrato do português popular de Salvador*. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado da Bahia, 2014.

SEARA, I. C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1710>. Acesso em: 02 set. 2024.

SEGUIN, L. Transparency and language contact: the case of Haitian Creole, French and Fongbe. *Linguistics in Amsterdam*, Amsterdam, v. 11, n. 2, p. 211-242, 2018. Disponível em: <https://linguisticsinamsterdam.nl/home?issue=112>. Acesso em 11 mar. 2024.

SLOBIN, D. I. Language change in childhood and in history. In: MACNAMARA, J. (ed.). *Language learning and thought*. New York: Academic Press, 1977. p. 185-214.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 69-105.

VIANNA, J. B. S.; LOPES, C. R. S. A variação entre *nós* e *a gente*: uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro. *Revista do GELNE*, Natal, v. 14, n. 1/2, p. 95-116, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/issue/view/525>. Acesso em: 09 set. 2024.